

Comunicação Oral

**EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO PARA O LIVRO ELETRÔNICO: O CONTEÚDO
INFORMACIONAL E O SUPORTE FÍSICO COMO ELEMENTOS
INDISSOCIÁVEIS**

Guilherme Ataíde Dias – UFPB
Américo Augusto Nogueira Vieira – UFPR
Alba Lígia de Almeida Silva – UFPB

Resumo

Este trabalho objetiva desenvolver uma definição precisa para o objeto conhecido como *e-book* ou livro eletrônico. A pesquisa com relação aos procedimentos técnicos é do tipo documental e foi conduzida no período compreendido entre o dia primeiro de maio de 2013 e o dia dez de agosto de 2013. Conceitos do que vem a ser um livro eletrônico, foram obtidos a partir de documentos disponibilizados através do Portal de Periódicos da Capes, SciELO, Google Scholar, e em periódicos brasileiros na área da Ciência da Informação. Os descritores selecionados para a busca foram *e-book*, *ebook*, livro eletrônico e livro digital. Para a busca de um conceito preciso acerca do objeto livro eletrônico o método das aproximações sucessivas foi empregado. Como resultado final foi desenvolvido uma definição para livro eletrônico fundado na fusão indissociável do conteúdo informacional com o suporte físico.

Palavras-chave: E-book. Livro eletrônico. Tecnologia da Informação.

**THE QUEST FOR AN ELECTRONIC BOOK DEFINITION: THE
INFORMATIONAL CONTENT AND THE PHYSICAL SUPPORT AS
INSEPARABLE ENTITIES**

Abstract

This work aims to develop a precise definition for the object known as e-book or electronic book. The research in regard to the technical procedure is considered documental and was conducted in the period between May 1, 2013 and August 10, 2013. Concepts of what is to be an e-book were obtained from documents made available through the Capes Journal Portal, SciELO, Google Scholar, and Brazilian journals in Information Science. The terms selected for the search were e-book, ebook, electronic book and digital book. In the process of developing a precise concept about the object e-book the method of successive approximations was employed. As a result, a definition was developed for e-book, based on the inseparable fusion of informational content with the physical medium.

Keywords: E-book. Electronic book. Information technology.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa estabelecer contornos precisos do conceito do objeto conhecido pelo rótulo “*e-book*”, ou melhor, uma definição para o que seja um *e-book* ou **livro eletrônico**. Tal denominação é hoje corrente no mercado editorial, entre os jovens leitores e mesmo na Academia; mas o termo “livro eletrônico”¹ sofre de uma imprecisão conceitual, como veremos,

¹ Termo que rotula o conceito (ou a definição). Tal como o termo “educação” rotula o significado do que seja efetivamente educação, o termo “método hipotético-dedutivo” rotula o referido significado deste método, e assim por diante.

e entendemos que os pesquisadores de Ciência da Informação devem e podem dar um contorno preciso a este conceito. Assim sendo, nossa primeira tarefa será demonstrar aos nossos pares da Academia a necessidade de se buscar, em ciência, e em particular em Ciência da Informação, um contorno conceitual preciso, ou minimamente preciso, para os conceitos que operamos em nossas pesquisas.

Para Ortega Y Gasset (1989), conhecido filósofo espanhol atuante na primeira metade do século XX, apontava-nos que:

Uma mesma coisa se pode pensar de dois modos: em oco ou em cheio. Se dizemos que a história se propõe a averiguar como foram as vidas humanas, pode-se estar seguro de que o que nos escuta ao entender essas palavras e repeti-las consigo pensa-as em oco, isto é, não se faz a si presente a realidade mesma que é a vida humana, não pensa pois o conteúdo desta ideia, mas usa aquelas palavras como um recipiente vazio, como uma ampola inane que carrega por fora o rótulo “vida humana”.

(...) Confesso que, a rigor, não penso minha ideia, só seu alvéolo, sua capsula, seu oco.

Esse pensar em oco e a crédito, esse pensar algo sem o pensar realmente, é o modo mais frequente de nosso pensamento. A vantagem da palavra, que oferece um apoio material ao pensamento, tem a desvantagem de tender a suplantá-lo, e se um belo dia nos comprometêssemos a realizar os repertório de nossos pensamentos mais habituais, econtrarnos-íamos penosamente surpresos de que não temos os pensamentos efetivos, mas só suas palavras ou algumas vagas imagens coladas a elas; de que não temos mais que os cheques e não as moedas que ele pretendem valer; em suam, que intelectualmente somos um Banco em falência fraudulenta (ORTEGA Y GASSET, 1989, p. 38-39).

Ao ser tão enfático o pensador espanhol nos advertia que não é possível mantermo-nos apenas com os rótulos de conceitos, tipo “educação”, “legalidade”, “método hipotético-dedutivo”, sem saber o que efetivamente tais rótulos significam, sob pena de incorrerem em fraudes intelectuais. Isto é: se os rótulos são os cheques, então devemos apresentar as moedas que efetivamente “pagam” tais cheques. Dito de outro modo, apresentar as moedas que valoram efetivamente os cheques, ou ainda: os conceitos que correspondem aos termos “educação”, “legalidade”, “método hipotético-dedutivo”, etc., e, quando possível e preferencialmente, as definições que encerram e/ou circunscrevem precisamente esses conceitos.

Não obstante essa permanente preocupação de Ortega Y Gasset (1989), em seu *Em torno a Galileu: esquema das crises*, também vários profissionais da informação, entre os quais Dahlberg (1978) em sua *Teoria do conceito*, atentam para a necessidade de normalizar certos entendimentos sobre certos objetos (ou fenômenos, ou métodos, ou relações, etc.), normalização aqui entendida como o mecanismo de conceituar o mais precisamente possível os objetos, eventualmente chegando mesmo a uma conceituação precisa, conceituação que, então, se denomina de “definição”. É nesse sentido nosso entendimento ao lermos:

Seja como for, quaisquer que sejam as opiniões a respeito das definições, existe consenso no afirmar que as definições são pressupostos indispensáveis na argumentação e nas comunicações verbais e que constituem elementos necessários na construção de sistemas científicos. Por conseguinte, parece hoje mais do que em qualquer outra época necessário **fazer todos os esforços a fim de obter definições corretas dos conceitos**, tanto mais que o contínuo desenvolvimento do conhecimento e da linguagem conduz-nos à utilização de sempre novos termos e conceitos cujo domínio nem sempre é fácil manter. A importância das definições evidencia-se também quando se tem em vista a comunicação internacional do conhecimento. E pelo domínio perfeito das estruturas dos conceitos que será possível obter também perfeita equivalência verbal (DAHLBERG, 1978, p. 106, grifo nosso).

No mesmo sentido, Alvarenga (2001), também ressalta a importância de conceitos para profissionais da informação ao apontar a necessidade de colocar como premissa de ancoragem o conceito como componente invariável na compreensão e conexão de ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais:

Seu pressuposto básico se ancora na afirmação de que **o conceito se constitui no componente invariável do processo de organização de bibliotecas tradicionais e digitais** e sua fundamentação conceitual aborda: a) fundamentos da teoria do conceito **sob a ótica da ciência da informação e suas relações com os metadados, ontologia e o processo de classificação**; b) peculiaridades e restrições intervenientes no processo de organização e tratamento da informação; c) e alguns fatores específicos inerentes à representação e recuperação de informações, fatores esses que se localizam no complexo espaço digital do qual participam produtores de documentos, bibliotecários e usuários (ALVARENGA, 2001, grifo nosso).

Também relevante é a compreensão por Wersig (1993), em seu artigo *Information Science: the study of postmodern knowledge usage* acerca de que é missão da Ciência da Informação, em face de novas situações teóricas, buscar redefinições conceituais:

Tal ciência tem que enfrentar uma nova situação teórica para os quais são previstos três abordagens: (a) o desenvolvimento de modelos básicos pela redefinição de conceitos científicos abrangentes (por exemplos, "sistema", conduzindo ao conceito de "ator"; "comunicação", que conduz a ao conceito de "redução de complexidade", etc.), (b) a reformulação científica de inter-conceitos, isto é, conceitos que são familiares e que são comuns na medida em que ainda não estão cientificamente elaborados e/ou funcionando como tal (por exemplos, "conhecimento", "imagem", etc.); e (c) entrelaçamento de modelos e inter-conceitos (WERSIG, 1993, p. 229, tradução nossa).

Assim sendo, fica firmado nosso entendimento que a busca de definições (ou redefinições) em Ciência da Informação acerca de objetos sob seu tratamento é uma das tarefas fundamentais de seus pesquisadores. Portanto, passemos a justificar agora a necessidade de melhor definir, ou redefinir com maior precisão, o conceito de livro eletrônico.

A pesquisa apresentada com relação aos procedimentos técnicos é do tipo documental e foi conduzida no período compreendido entre o dia primeiro de maio de 2013 e o dia dez de agosto de 2013. Os conceitos do que vem a ser um livro eletrônico foram obtidos a partir de

documentos disponibilizados através do Portal de Periódicos da Capes, SciELO, Google Scholar, e em periódicos brasileiros na área da Ciência da Informação. Os descritores selecionados para a busca foram *e-book*, *ebook*, livro eletrônico e livro digital. Apontamos finalmente que adotaremos para a busca de um conceito preciso de livro eletrônico o *método das aproximações sucessivas*; o que significa dizer que nos utilizaremos no início de nossas argumentações da terminologia “livro eletrônico” de forma imprecisa, tal qual é largamente utilizada pelo grande público e, gradativamente, iremos argumentando e delimitando o conceito de livro eletrônico até ser possível, ao final, exibir uma definição.

A guisa de esclarecimentos, o termo “método das aproximações sucessivas” é relativo a uma categoria de processos de busca de soluções onde não seja possível ir direto ao conjunto de informações que resolva o problema (ou não se conheça, ao tempo da busca, tal caminho). Na prática científica fica-se oscilando em torno à solução do problema em permanente convergência. As informações/soluções podem ser relativas à busca das raízes de uma equação, tal como no “método de aproximações sucessivas” utilizados por Isaac Newton (ou modernamente na técnica Newton-Raphson em Cálculo Numérico) e também as informações/soluções podem ser relativas à busca de uma definição para um termo que seja rótulo de um conceito (nesse sentido, a busca de uma definição). Platão, ao tentar definir o conceito de “justiça” (*Dike*) faz exatamente o mesmo, oscila em torno de uma definição de justiça em sua Politéia (República) sem conseguir, entretanto, solucionar o desafio conceitual e apresentando uma definição de “justiça”. Faz-se o mesmo (aplica-se o método das aproximações sucessivas), modernamente, na busca da conceituação de, por exemplo, “direito humanos”, “vida”, “probabilidade”, etc.. O texto de Lima e Miotto (2007) pode ser minimamente esclarecedor acerca deste método.

2 A EMERGÊNCIA DOS LIVROS ELETRÔNICOS

O aumento na venda de livros eletrônicos é um fato, entende-se que este fenômeno vem tendo repercussões no mercado editorial, bem como na Academia. Com relação a este aumento trazemos os seguintes indicadores:

Números de vendas de e-books demonstram o impacto que o surgimento de e-books está tendo na indústria editorial. Na Austrália, a venda de e-books cresceu mais de 100% entre 2008 e 2009 (Cox, 2010). Nos Estados Unidos, a Association of American Publishers (2012) informou que de janeiro de 2011 a janeiro de 2012, as vendas de e-books para adultos e crianças/adultos jovens e-books aumentaram 49,4% e 475,1%, respectivamente. Com este crescimento exponencial nas vendas de e-books, a indústria editorial está se transformando através da prática de novas relações comerciais e modelos com os parceiros da

indústria. Esses novos modelos de negócios estão revolucionando cadeia de fornecimento dos livros tradicionais. Um setor impactado pela revolução do e-book é o setor educacional (publicação para escolas e instituições de ensino superior). (D'AMBRA *et al.*, 2013, p. 49, tradução nossa).

A partir do ano de 2010 os livros eletrônicos passaram a despontar efetivamente no mercado editorial brasileiro como uma alternativa para o consumo de informações em uma ambiência que em primeira instância deveria mimetizar e estender as funcionalidades do livro tradicional.

A mídia brasileira propagou de forma enfática a popularização dos livros eletrônicos em curso nos países considerados desenvolvidos, de forma precípua os Estados Unidos da América, contribuindo sobremaneira para o esclarecimento da população com relação as dinâmicas associadas ao contexto dos livros eletrônicos. Esta propaganda antecedeu a disponibilização efetiva dos dispositivos leitores de livros eletrônicos, em nosso mercado, bem como da existência variada de conteúdos digitais para consumo através dos referidos dispositivos.

Correntemente, verifica-se que a maioria dos varejistas de livros e editoras brasileiras comerciais possui alguma estratégia relacionada aos livros eletrônicos. A quantidade de obras disponíveis aumentou, bem como é possível comprar leitores de livros eletrônicos no país importados legalmente e com garantia local. Dentre as iniciativas mais conhecidas destacam-se a Livraria Cultura responsável pela comercialização de conteúdos digitais (conteúdo informacional) e do leitor de livros eletrônicos (suporte físico) conhecido como Kobo e as multinacionais americanas Apple e Amazon.com que também estão operando no mercado brasileiro e disponibilizando os mais diversos conteúdos e alguns dos seus dispositivos leitores.

A participação de livros eletrônicos no mercado brasileiro em comparação com os títulos em mídia impressa ainda é pequena, mas, espera-se que a participação do primeiro tenda a crescer de forma significativa. No ano de 2012 as vendas de livros eletrônicos corresponderam a apenas 0,47% do total de livros comercializados. Para o ano de 2013, a partir de projeções, espera-se que a participação de livros eletrônicos no mercado total de livros seja de 2,63% (NAWOTKA, 2013). Em termos percentuais o valor previsto para 2013 em relação ao total do mercado aparenta ser pequeno, mas em termos de crescimento representa um crescimento de mais de cinco vezes em relação ao ano anterior.

A emergência dos livros eletrônicos não dar-se somente no mercado comercial, mas também no âmbito acadêmico. Verifica-se que as Bibliotecas Universitárias de diversas instituições de ensino superior do Brasil estão fazendo uso de livros eletrônicos. O sistema

representado pelas universidades estaduais paulistas (USP, UNICAMP e UNESP) disponibilizam mais de cento e oitenta mil livros eletrônicos para a sua comunidade de usuários (BIBLIOTECA DA ECA, 2010). As Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) também estão fazendo uso de livros eletrônicos, com frequência as bibliotecas universitárias dessas instituições distribuem para a sua comunidade de usuários uma variedade de títulos deste recurso.

Por ser um recurso relativamente novo, entende-se que estudos relacionados aos livros eletrônicos são fundamentais, pois os processos inerentes à criação, editoração, disseminação e uso dos mesmos ainda carecem de investigações mais detalhadas.

3 “LIVRO ELETRÔNICO”: UM TERMO COM MUITAS ACEPÇÕES

No processo de investigação científica é requisito fundamental definir os objetos estudados, desta forma faz-se necessário termos uma compressão do que vem a ser um livro eletrônico. O entendimento do que vem a ser um livro eletrônico ainda não é um consenso dentro das comunidades de pesquisadores que trabalham com este recurso informacional. Ainda existem divergências sobre o que podemos entender como sendo um livro eletrônico. Lynch (2001, tradução nossa) explica que: “Terminologia imprecisa e inconsistente tem sido uma grande fonte de confusão na febre associada aos e-books, e um obstáculo para desembaraçar as questões envolvidas”. A este respeito destacamos:

Uma revisão da literatura sobre o e-book mostra que sua definição tem sido uma das principais causas de confusão em curso (Armstrong, Edwards, e Lonsdale, 2002; Lynch, 2001; Tedd, 2005). **Ambiguidade surge a partir da necessidade de separar o texto digital do dispositivo que está sendo usado para visualizá-lo** (MARTIN; QUAN-HAASE, 2013, p. 1016, grifo nosso).

Conforme ilustrado por Martin e Quan-Haase (2013), é questão recorrente na literatura e que leva a opiniões divergentes na formalização de um conceito sobre o que vem a ser um livro eletrônico, o entendimento se o livro eletrônico é um conteúdo informacional em forma digital (*corpus misticum*)² ou o dispositivo - suporte - utilizado para a sua visualização

² A imprecisão conceitual possui infelizmente uma tendência multiplicativa, por isso o alerta de Dahlberg (1978, p. 106). É de curial sabença que em certas áreas da propriedade intelectual uma obra (parte intangível) não se confunde com seu suporte (parte tangível). No caso da obra *Os Irmãos Karamazov*, de Fyodor Dostoyevsky, compramos um suporte, geralmente de papel ou digital, onde há uma autorização permanente, de quem detém o direito autoral, de termos a obra sobre aquele suporte comprado; em outras vezes há sim confusão/fusão entre obra e suporte, como por exemplo, o *David de Michelangelo*; esta criação de Michelangelo Buonarroti fundiu a arte/concepção do artista (*corpus misticum*: a parte intangível da obra) com a pedra mármore (*corpus mechanicum*: parte tangível) que dá suporte àquele *corpus misticum*. Há pública e notória diferença em se comprar o original da escultura, o *David de Michelangelo*, de se comprar uma fotografia ou mesmo uma reprodução em gesso do *David*. Nossa tarefa não é separar a obra de seu suporte ao conceituarmos o que é um livro eletrônico! O que aqui se pretende é um pouco mais sofisticado; dado que houve culturalmente certa sinergia indiscutível entre obras (obras no plural) e um tipo específico de suporte (onde, em regra, havia a possibilidade de perfeita separação entre o *corpus misticum* e *corpus*

(*corpus mechanicum*). Seguindo esta mesma linha de raciocínio que aponta divergências entre o conteúdo informacional e o suporte físico na elaboração de um conceito para livro eletrônico destacamos que:

O termo e-book tem sido utilizado para designar tanto a máquina de leitura como os documentos em formato de livro disponibilizados na Internet. Esse conflito terminológico carece de tratamento por parte das áreas envolvidas com o estudo dos suportes informacionais, desde bibliotecários, usuários e desenvolvedores desta tecnologia, para que nomeiem e designem os termos apropriados a cada conceito, evitando ambigüidade semântica para tecnologias distintas (DZIEKANIAK, 2010, p.84).

Benício (2003), Benício e Silva (2005), Bufren e Sorribas (2009) e Dziekaniak (2010, p.2) *apud* Ianzen *et al.* (2013, p.206) complementam trazendo que:

O conceito de *e-book* confundia-se com a união de *software*, *hardware* e conteúdo. Em vários artigos publicados sobre o livro eletrônico, verifica-se o uso do termo *e-book* para designar tanto o arquivo do livro quanto os aparelhos leitores (BENÍCIO, 2003; BENÍCIO; SILVA, 2005; BUFREM; SORRIBAS, 2009; DZIEKANIAK, 2010; SILVA; BUFREM, 2001), uma vez que a terminologia estava em processo de desenvolvimento e necessitava de um maior “tratamento por parte das áreas envolvidas com o estudo dos suportes informacionais” (DZIEKANIAK, 2010, p. 2).

A ideia de que não existe uma definição canônica do que vem a ser um livro eletrônico é referendada pelos seguintes autores:

Embora a ideia de e-books não seja nova, ainda há muita confusão sobre e-books, mesmo ao nível de uma definição básica do que é um e-book (Tedd, 2005). Atualmente, não há uma definição universal comumente aceita de e-book (Bennett, 2006), o termo tem sido utilizado de forma ambígua na literatura (VASSILIOU; ROWLEY, 2008, p. 355-356, tradução nossa).

Neste trabalho entendemos que para elaboração de um conceito do que vem a ser um livro eletrônico não seria pertinente separar o conteúdo informacional (que é representado por uma determinada obra) da espécie de suporte físico que é utilizado para apresentar a obra (no caso original, o livro tradicional; no caso objetivo de certo leitor do conteúdo digital, isto é, de um certo espécime/dispositivo de leitor na classe de dispositivos denominados *e-readers*)³. O suporte papel na forma de livro, sem que nenhum conteúdo informacional fosse apostado pela tinta, não seria tomado como um livro tradicional, apenas como o *corpus mechanicum* do que

mechanicum), que é o caso do “livro”, uma das formas (ou espécie) que pode assumir o suporte papel, então procura-se reproduzir tal resultado sinérgico em outro suporte que não o papel (no caso um suporte eletrônico), imitando/mimetizando aquelas características consideradas otimizadoras daquele *corpus mechanicum* (o livro), independentemente da obra suportada (independentemente de qual é o *corpus mysticum*) e ainda aportando certas outras funcionalidades. Nesse sentido, reprisando, ainda que no caso de obras textuais seja possível a separação do *corpus mysticum* do *corpus mechanicum*, houve uma **entronização cultural** do livro como a forma predominante para o acesso às obras tipo *Os Irmãos Karamazov* (entre outras).

denominamos “livro tradicional”. Já a obra textual, o *corpus misticum* daquilo que denominamos livro tradicional, possui liberdade para ser aposta em outro suporte (como exemplo, em uma parede)⁴. Acontece que, como já apontamos, a forma vencedora na experiência e culturas humanas para a divulgação de obras textuais tipo *Os Irmãos Karamazov* foi o livro tradicional. O livro eletrônico, tomado ainda com bastante imprecisão, auto apresenta-se como herdeiro e sucessor desta forma de livro tradicional.

Nesse sentido, sugerimos que uma definição de livro eletrônico deveria seguir a mesma linha de raciocínio, ou seja, que a indissolubilidade do *corpus misticum* do *corpus mechanicum*, seja uma premissa fundamental a ser perseguida⁵ na construção de uma definição para livro eletrônico; pois um dispositivo computacional (*corpus mechanicum*) sem suportar a obra (*corpus misticum*) é o equivalente ao suporte papel no formato de um livro sem que nenhuma informação contenha e, portanto, não pode ser um “livro tradicional”, como também o aparato tecnológico sem haver obra alguma não pode ser um livro eletrônico.⁶

Na literatura da área da Ciência da Informação brasileira é possível encontrar autores que abordem os livros eletrônicos e tentam defini-los desde o início da primeira década do século XXI, vide, por exemplo, o trabalho de Silva e Bufrem (2001). Embora não apresente um conceito para livro eletrônico, Dias (2003) antecipa uma ideia para leitor de livro eletrônico, da forma como conhecemos hoje, quase uma década antes da mídia popularizar o conceito, conforme o seguinte destaque:

Estimamos que dentro de um período de uma década, embora reconhecendo que é muitíssimo arriscado fazer exercícios de futurologia, teremos dispositivos portáteis de baixo custo que permitam o acesso a periódicos científicos eletrônicos e à sua leitura, de forma tão transparente e simples que mimetizem a contento o texto impresso em papel. Estes dispositivos devem possuir uma longa autonomia de operação no caso de serem desplugados de uma fonte de alimentação, e possibilitar também a conexão e o *download wireless* de bibliotecas digitais para a aquisição de uma variedade ilimitada de periódicos científicos ou qualquer outro tipo de texto que esteja no formato eletrônico. Podemos fazer este tipo de previsão a partir da observação do avanço constante da tecnologia e pelos novos dispositivos por ela

³ Os *e-readers* (leitores eletrônicos) são quaisquer dispositivos computacionais que possam ser utilizados na leitura de, por exemplo, conteúdos digitais. Notório que a espécie livro eletrônico pertence ao gênero *e-readers*, mas não são termos sinônimos.

⁴ Papel é uma classe ou gênero de suporte, sendo espécimes desta classe: livros, revistas, pôsteres, bilhetes, etc. Pedra é outra classe de suporte, sendo espécimes desta classe: estelas, murais em baixo relevo, métopas, etc.. Conforme Wersig (1993, p. 229), também é nossa tarefa redefinir certos conceitos abrangentes ou rótulos de conceitos utilizados sem a devida precisão que a ciência exige. Portanto, esperamos que, nesse sentido, o presente trabalho tenha uma função seminal.

⁵ No sentido de ser permanentemente atentado o valor da referida analogia na construção de um conceito bem delimitado.

⁶ Note-se que há situações em alguns livros tradicionais onde dentro de um mesmo *corpus mechanicum* há diferentes obras (*corpus misticum*), como é o caso de alguns volumes da coleção *Os Pensadores* (quando um volume é dedicado a dois ou mais autores, por exemplo). Nesse sentido, não há discrepância de que um livro eletrônico possa ter milhares de obras. O que há é uma expansão de funcionalidade (quem decidia que o livro tradicional seria deste ou daquele jeito era o editor, agora, no livro eletrônico, é o leitor). Há também de se apontar que o conteúdo informacional na forma digital (que é equivocadamente vendido como livro eletrônico) não é um livro, não podendo sequer ser alvo da cognição humana como acontece usualmente na leitura de qualquer livro tradicional.

disponibilizados a intervalos cada vez mais curtos de tempo (DIAS, 2003, p.37).

O Quadro 1 apresenta de forma cronológica diversas acepções para a ideia do que pode ser considerado um livro eletrônico encontradas na literatura. Ao longo da pesquisa foi possível verificar que embora o termo livro eletrônico seja bastante utilizado, poucas são as tentativas sistemáticas de elaborar uma definição para esta entidade. Na vasta maioria das vezes os autores utilizam o termo sem nenhuma preocupação prévia em defini-lo. O entendimento do autor sobre o que vem a ser um livro eletrônico emerge na maioria das vezes informalmente a partir da leitura do texto apresentado.

QUADRO 1: Acepções relativas ao conceito de livro eletrônico

Nº. de ordem	Acepções relativas ao conceito de livro eletrônico	Autor(es)
1	Um livro digital é apenas uma grande coleção estruturada de bits que podem ser transportados em CD-ROM ou em outros meios de armazenamento ou entregues através de uma conexão de rede, e que é projetado para ser visualizado em uma combinação de hardware e software que vão desde terminais burros a navegadores Web em computadores pessoais, até os novos dispositivos leitores de livro [...].	(LYNCH, 2001, tradução nossa)
2	Definido como um pequeno aparelho portátil, com capacidade para armazenar na memória uma expressiva quantidade de textos, o livro eletrônico pode também ser considerado como conteúdo disponibilizado na Internet para download em um computador.	(SILVA; BUFREM, 2001; p.2).
3	[...] nós usamos o termo e-book para significar qualquer trecho de texto eletrônico, independentemente do tamanho ou composição (um objeto digital), mas excluindo as publicações do jornal, disponibilizadas eletronicamente (ou óptica) para qualquer dispositivo (portátil ou de mesa) que inclua uma tela.	(ARMSTRONG; EDWARDS; LONSDALE, 2002, tradução nossa)
4	Concomitante a tentativa de formar um conceito que possa diferenciar e caracterizar as bibliotecas emergentes na Sociedade da Informação, surge um novo paradigma quanto à forma de registrar e disseminar a informação: o livro eletrônico ou <i>Electronic Book</i> (e-book). Este termo está sendo utilizado para nomear o livro em formato eletrônico, podendo ser baixado via Internet para o computador por meio de <i>download</i> e para o aparelho que permite a sua leitura fora do computador, possibilitando uma maneira mais simples de compor e disponibilizar um livro para o leitor.	(BENÍCIO; SILVA, 2005, p.4)
5	4.3.5 E-books Documentos digitais, licenciados ou não, em que o texto pesquisável é prevalente, e que pode ser visto como uma analogia a um livro impresso (monografia). O uso de e-books é, em muitos casos dependentes de um dispositivo dedicado e/ou um leitor especial ou software de visualização.	(NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION, 2005, tradução nossa)
6	Os e-books, muitas das vezes, são confundidos com a simples digitalização de livros físicos o que não é correcto. Para ser considerado um e-book é preciso que sejam tidos em consideração alguns pontos importantes no que diz respeito ao aspecto estético, gráfico e organizacional, ou seja, o tipo de letra deve ser o mais adequado, a quantidade do texto deve ser mais distribuída entre as páginas, o uso de cores e os contrastes obedecem a critérios específicos, para além da possibilidade de	(BOTTENTUIT JUNIOR; COUTINHO, 2007)

	utilização de recursos multimídia como sons, gráficos e vídeos e alguns deles até mesmo a interactividade através de exercícios, quizzes e jogos.	
7	Os livros eletrônicos comumente em uso hoje são primeiramente representações computadorizadas de livros físicos. Podem ser imagens escaneadas de páginas (visíveis como PDFs), ou fluxos de texto formatáveis que são reconstruídos por um aplicativo de software para assemelhar-se à páginas em um dispositivo de leitura.	(CARDEN, 2008, tradução nossa)
8	(1) Um e-book é um objeto digital com conteúdo textual e/ou outros conteúdos, que surge como resultado da integração do conceito familiar de um livro com características que podem ser fornecidas em um ambiente eletrônico. (2) E-books, geralmente têm características em uso tais como funções de pesquisa e de referência cruzada, links de hipertexto, marcadores, anotações, destaques, objetos multimídia e ferramentas interativas.	(VASSILIOU; ROWLEY, 2008, p.363, tradução nossa).
9	Um <i>e-book</i> é compreendido pela maior parte das pessoas como sendo uma versão digitalizada de um livro (a informação) impresso em papel que pode ser acessada através de um desktop ou um notebook (o dispositivo). A essência desta idéia está correta, mas podemos lapidá-la um pouco mais. Prefiro tratar a idéia de <i>e-book</i> como a fusão do conteúdo informacional com um dispositivo de tecnologia da informação projetado especificamente com a tarefa de disponibilizar e expandir a funcionalidade de um livro convencional, ou seja: <i>e-book = dispositivo de tecnologia da informação + conteúdo informacional.</i>	(DIAS, 2010)
10	No entanto, no que diz respeito ao e-book, sua representação mental tem escassa concretude, e oscila entre a realidade de um dispositivo ou suporte para visualização (desde os primeiros que apareceram no mercado, até o mais sofisticado, como o Kindle da Amazon) e o texto processado digitalmente que nele se insere.	(LOPEZ SUAREZ; LARRANAGA RUBIO, 2010, tradução nossa)
11	Um livro eletrônico (e-book) é uma publicação digital que pode consistir em texto, imagens ou uma combinação de ambos. Um livro eletrônico pode ser lido em um dispositivo digital proprietário (e-reader) ou em um computador, o que requer um software especial.	(TECHNOPEDIA, 2012, tradução nossa)

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

A partir das acepções apresentadas no Quadro 1 relativas a ideia do que seja um livro eletrônico, é possível ressaltar alguns pontos importantes extraídos das construções elaboradas pelos respectivos autores. As acepções referenciadas – a maioria - pelos números de ordem 1, 2, 3, 4, 10 e 11 caracterizam-se pela separação do conteúdo informacional do suporte físico. As acepções referenciadas pelos de números de ordem 5 e 7 também indicam uma separação do conteúdo informacional do suporte físico, mas entendemos que são coerente na parte em que os autores indicam respectivamente que um livro eletrônico pode ser visto como **uma analogia ao livro impresso** (número de ordem 5) e são primeiramente representações computadorizadas de livros (número de ordem 7).

A acepção referenciada pelo número de ordem 6 menciona atributos desejáveis do conteúdo informacional quando de sua apresentação (tipos de letras, cores, contraste, recursos

multimídia, etc.) mas não menciona de forma clara se o livro eletrônico é constituído pelo conteúdo informacional, pelo suporte físico, ou por ambos.

A indicação de Vassilou e Rowley (2008) sobre o que vem a ser um livro eletrônico (número de ordem 8) é uma das que entendemos como mais pertinentes dentre as compiladas no Quadro 1, contudo, ressaltamos que quando os autores indicam que um livro eletrônico é um objeto digital seria interessante explicitar, por questões de clareza que o conteúdo informacional é digital como também o processamento a que será submetido no suporte físico, este posicionamento faz-se necessário de modo a entendermos este objeto digital mencionado pelos autores de forma una.

A concepção de Dias (2010) pertinente ao que vem a ser um livro eletrônico (número de ordem 9), assim como a de Vassilou e Rowley (2008) constituem-se dentro das apresentadas no Quadro 1 como as nossas prediletas. Com relação à proposição de Dias (2010) de que um *e-book* = *dispositivo de tecnologia da informação* + *conteúdo informacional* temos algumas críticas. De forma a aperfeiçoar a proposição apresentada, é importante ressaltar que tanto o dispositivo de tecnologia da informação deveria estar apto a processar informação em formato digital, assim como o conteúdo deveria ser digital. Da maneira como a proposição foi introduzida, uma fita cassete (dispositivo de tecnologia da informação) com algum áudio gravado na mesma (conteúdo informacional) poderia ser considerado um livro eletrônico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS PERTINENTES À DEFINIÇÃO DE LIVRO ELETRÔNICO

Após apresentarmos e avaliarmos um recorte possível das acepções de livro eletrônico encontradas na literatura, tomamos a liberdade de propor uma delimitação do conceito do que vem a ser um livro eletrônico da maneira como o mesmo se apresenta em nossa contemporaneidade⁷ e em consonância com o que foi discutido até esta instância.

Propomos, portanto, que um livro eletrônico possa ser definido como⁸: livro eletrônico é a denominação da espécie, da classe (ou gênero) de leitores eletrônicos (*e-readers*), que

⁷ O que poderá mudar, dado que a cultura é dinâmica e a tecnologia também. Nesse sentido, devemos sempre rever os apontamentos de Wersig (1993, p. 229).

⁸ Como o termo “*e-book*” é oriundo da língua inglesa, optamos por também, apresentar a sua definição nesta língua: *We therefore propose that an e-book can be defined as: e-book is the name of the species, the class (or genre) of electronic readers (e-readers), that have the animus to mimic and expand the functionality of a traditional book and therefore containing at least one informational content (work) in its memory; this way, in this species of electronic reader, the informational content (corpus misticum) in digital format is inseparable from the technological device (corpus mechanicum) that processes, displays and enables interaction with the informational content.*

tenham o *animus* de mimetizar e expandir as funcionalidades de um livro tradicional⁹ e, portanto, com pelo menos um conteúdo informacional (obra) contido em seus dispositivos de memória; dessa forma, nesta espécie de leitor eletrônico é indissociável o conteúdo informacional (*corpus misticum*), em formato digital, com o dispositivo tecnológico (*corpus mechanicum*) que processa, exhibe e permite a interação com o conteúdo informacional.

Fundamental apontar de forma complementar, para sanear dúvidas, que um computador, tipo *desktop* ou *laptop*, também lê conteúdos digitais, entretanto, não é essa sua principal funcionalidade ou objetivo. Um telefone celular também pode ler conteúdos digitais, mas não é um livro eletrônico. Outros artefatos tecnológicos (dispositivos computacionais) leem conteúdos digitais, mas seu objetivo central, principal, sua finalidade essencial, não é mimetizar o livro tradicional. Nesse sentido, tais aparatos aqui supracitados não são classificáveis como um livro eletrônico. Notem que uma pedra na forma de “estela” que se transformasse em suporte para *Os Irmãos Karamazov* permitiria, tal como ou *laptop* ou celular, a leitura da obra de Dostoyevsky, mas não poderíamos dizer jamais que a referida estela fosse um livro.

Esperamos, dessa forma, estarmos cumprindo a missão proposta por Dahlberg (1978) aos pesquisadores de Ciência da Informação e reagindo positivamente ao incitamento do pensador espanhol; de que o pensar deve ser em cheio, e não em oco (ORTEGA Y GASSET, 1989). Nesse sentido, pensar em cheio significa dizer que ao utilizarmos o termo¹⁰ livro eletrônico em um dado discurso saberemos que estamos a pensar efetivamente o conteúdo da definição proposta, com todas as consequências que estas implicam, inclusive aquelas associadas a reconceituação, por alguns, do significado do que seja um livro tradicional¹¹ tal como nos asseverou Wersig (1993).

Aponta-se finalmente que a presente definição ou outra que venha melhorar ainda mais aquilo que aqui se objetivou – a definição de livro eletrônico – poderá ter significativo impacto na disseminação da informação no Brasil, dado que há no presente momento uma luta encarniçada nos tribunais brasileiros acerca da imunidade tributária ou não do livro eletrônico, por analogia ao livro tradicional, consoante o previsto em nossa *Carta Política* na alínea “d”,

⁹ Nesse sentido, o termo “mimetizar” ingressante em nossa definição implica que no livro eletrônico se tivermos que realizar à fórceps uma nova separação entre o *corpus misticum* e o *corpus mechanicum*, no *corpus misticum* do livro eletrônico além da obra literária estaria contido a concepção de “livro tradicional”. É isso o que implica o adicionamento do trecho “que tenha o *animus* exclusivo de mimetizar e expandir as funcionalidades de um livro tradicional”. Tal situação foi obtida pela assunção da premissa formativa para o conceito que previamente apontamos no item 3, parágrafo imediatamente posterior a citação direta de Vassiliou e Rowley.

¹⁰ Termo que rotula o conceito que propusemos.

¹¹ Em um livro de Dostoyevsky, há o *corpus misticum* (a obra idealizada pelo autor) e há o suporte papel. Já o artefato livro é a forma especial, com certas funcionalidades, que se deu ao suporte papel (*corpus mechanicum*). O termo “suporte”, portanto, é uma classe (em papel, em pedra, em papiro, em argila, digital, etc.) e não uma espécie (livro, no caso de papel; pôster, no caso de papel; bilhete, no caso de papel; estela, no caso de pedras; mural em baixo relevo, no caso de pedras; etc.).

inciso VI, do Artigo 150 (BRASIL, 1988). Dessa forma, também não ficaram insensíveis os profissionais da Ciência da Informação com relação às demandas epistemológicas atinentes a nossa área de investigação, demandas estas com eventuais consequências pragmáticas – facilitação da disseminação da informação pela redução de custos do livro eletrônico – em meio à nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L.. A Teoria do Conceito Revisitada em Conexão com Ontologias e Metadados no Contexto das Bibliotecas Tradicionais e Digitais. **DataGramaZero** - Revista de Ciência da Informação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, v.2, n.6, dez. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez01/F_I_art.htm>. Acesso em: 08 Jul. 2013.

ARMSTRONG, C.; EDWARDS, L.; LONSDALE, R. Virtually there? E-books in UK academic libraries. **Program: Electronic Library and Information Systems**, v.36, n.4, p. 216–227, 2002. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?issn=0033-0337&volume=36&issue=4&articleid=862426&show=abstract>>. Acesso em: 11 Ago. 2013.

BENÍCIO, C. D.; SILVA, A. K. A. D. Do livro impresso ao ebook: o paradigma do suporte na biblioteca eletrônica. **Biblionline**, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/580/418>>. Acesso em: 11 Ago. 2013.

BIBLIOTECA DA ECA. **E-books no Dédalus**. 2010. Disponível em: <<http://bibliotecadaeca.wordpress.com/2010/10/15/e-books-no-dedalus/>>. Acesso em: 08 Mai. 2013.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P. A Problemática dos E- Books: um contributo para o estado da arte. **Memórias da 6a Conferencia Ibero- americana em Sistemas, Cibernética e Informática** (CISCI), v. 2., p.106- 111, jul., 2007, Orlando, EUA. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6717>>. Acesso em: 11 Ago. 2013.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 09 Ago. 2013.

CARDEN, M. T. J. E-books are not books. Conference on Information and Knowledge Management. **Proceedings**...California: ACM, 2008. p. 9-12. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=1458416>>. Acesso em: 10 Ago. 2013.

DAHLBERG, I.. Teoria do Conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, Brasil, 7, dez. 1978. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1680/1286>>. Acesso em: 06 Jul. 2013.

D'AMBRA, J. *et al.* Application of the task-technology fit model to structure and evaluate the adoption of E-books by Academics. **JASIST**, v. 64, n.1, p. 48–64, 2013. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.22757/pdf>>. Acesso em: 10 Ago. 2013.

DIAS, G. A. **Periódicos científicos eletrônicos brasileiros na área da ciência da informação**: análise das dinâmicas de acesso e uso. 2003. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-15102012-140630/>>. Acesso em: 08 Mai. 2013.

DIAS, G. A. **E-books**: alguns insights.... 2010. Disponível em: <<http://wrcocesa.ufpb.br/wrco/?p=63>>. Acesso em: 19 Mai. 2013.

DIAS, G.A. *et al.* TECHNOLOGY ACCEPTANCE MODEL (TAM): Avaliando a aceitação tecnológica do Open Journal Systems (OJS). **Informação & Sociedade: Estudos**. v.21, n.2, p. 133-149. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/9712/5966>>. Acesso em: 20 Mai. 2013.

DZIEKANIAK, G. V. Considerações sobre o e-book: do hipertexto à preservação digital. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, n. 2, v. 1, p. 83-99, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=16400>>. Acesso em: 20 Mai. 2013.

IANZEN, A., DE PAULA PINTO, J., WILDAUER, E. Os sistemas de proteção de direito digital (DRM): tecnologias e tendências para e-books. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p203>>. Acesso em: 30 Jul. 2013.

LIMA, T. C. Sasso de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Set. 2013.

LOPEZ SUAREZ, M.; LARRANAGA RUBIO, J. El e-book y la industria editorial española. **Rev. Interam. Bibliot**, Medellín, v. 33, n. 1, June 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-09762010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Ago. 2013.

LYNCH, C. (2001). The battle to define the future of the book in the digitalworld. **First Monday**, v.6, n.6. Disponível em: <<http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/864/773>>. Acesso em: 08 Ago. 2013.

MARTIN, K.; QUAN-HAASE, A. Are e-books replacing print books? tradition, serendipity, and opportunity in the adoption and use of e-books for historical research and teaching. **JASIST**, v. 64, n. 5, p. 1016-1028, 2013. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.22801/pdf>>. Acesso em: 10 Ago. 2013.

NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION. **Information services and use**: metrics e statistics for libraries and information providers: data dictionary. 2005. Disponível em: <http://www.niso.org/apps/group_public/download.php/11282/Z39-7-2013_metrics.pdf>. Acesso em: 09 Ago. 2013.

NAWOTKA, E. **Apple iBookstore Leads Brazil's Ebook Market in 2013**. 2013. Disponível em: <<http://publishingperspectives.com/2013/04/apple-ibookstore-leads-brazils-ebook-market-in-2013/>>. Acesso em: 05 Mai. 2013.

ORTEGA Y GASSET, J.. **Em torno a Galileu**: esquema das crises. Petrópolis: Vozes, 1989.

SILVA, G. M. S.; BUFREM, L. S. Livro eletrônico: a evolução de uma ideia. In: INTERCOM, editor. CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO. Campo Grande: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4BUFREM.pdf>>. Acesso em: 04 Ago. 2013.

TECHNOPEDIA. **Electronic Book (E-Book)**. 2013. Disponível em: <<http://www.techopedia.com/definition/2193/electronic-book>>. Acesso em: 08 Ago. 2013.

VASSILIOU, M.; ROWLEY, J. Progressing the definition of "E-book." **Library Hi Tech**, v. 26, n.3, p. 355-368, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/07378830810903292>>. Acesso em: 10 Ago. 2013.

WERSIG, G.. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**. Londres: Pergamon Press, v. 29, n. 2, 1993, p. 229-239.